

Teatro das Paixões: a crítica de Elisabeth da Boêmia à moral cartesiana

Mary Emily Mattoso Silva Suzano

Mestranda em Filosofia na PUC-Rio

<http://lattes.cnpq.br/8666278856141079>

marymattoso@aluno.puc-rio.br

56

Na terceira parte de seu *Discurso do Método* (1637), Descartes evoca a imagem do teatro quando diz procurar ser mais como um espectador do que como um ator em todas as comédias representadas no mundo (1983, p. 52). Mais tarde, em 1645, em sua correspondência com Elisabeth da Boêmia, Descartes recorre novamente à figura do espectador de teatro para ilustrar o bom procedimento relativo às paixões. Da mesma forma que as tragédias nos fornecem tanto entretenimento quanto as comédias, os acontecimentos tristes e felizes de nossas vidas devem ser tratados com esse mesmo afastamento; e as grandes almas encontram satisfação em toda sorte de acontecimentos, sejam eles bons ou ruins (Cardoso; Ferreira, 2001, p. 56). Podemos caracterizar a moral cartesiana enquanto heroica e aristocrática, pois “funda-se no uso que uma aristocracia presente dentre nós faz das paixões, do discernimento e da vontade, a ponto de seus representantes destacarem-se dos demais, tornando-se dignos de glória” (Figueiredo, 2021, p. 37).

Elisabeth demonstra certa reticência ao concordar com essa postura cartesiana. Em uma posição diferente daquela de Descartes, ela parece não proceder com suas paixões como o espectador de uma tragédia, mas sim como as personagens que, confinadas ao interior da narrativa, não possuem escolha senão padecer com as paixões. Por vezes, ela expressa uma dificuldade em desviar sua atenção das paixões que a perturbam, a inevitabilidade da vida prática é difícil de contornar e, por vezes, ela precisa de muito tempo para se recuperar das adversidades continuamente apresentadas a ela. Suas dificuldades emergem da experiência de um corpo “imbuído duma grande parte das fraquezas do meu sexo”, muito suscetível às paixões e de um ambiente que contribui muito para tal (Cardoso; Ferreira, 2001, p. 58).

Para Elisabeth, as contingências da vida e do corpo ultrapassam a resolução cartesiana de elevação moral pelo exercício da vontade. Para ela, algumas paixões conduzem a boas ações, e as muito excessivas não podem ser submetidas à razão (Cardoso; Ferreira, 2001, p. 99). Sua posição indica, ainda, que ao contrário do que sugeriam os neo-estoicos de sua época, não seria necessário eliminar completamente as paixões (Shapiro, 2007, p. 30). Percebemos, então, uma disputa acerca da moral, no interior das correspondências entre Elisabeth e Descartes. Com o avanço desta pesquisa, planejo demonstrar que as cartas ilustram um deslocamento moral em curso durante o século XVII, marcado pelo declínio do herói clássico.

Palavras-chave: René Descartes. Elisabeth da Boêmia. Filosofia Moral. Paixões.

Bibliografia

DESCARTES, R. *Discurso do Método*. Coleção Os Pensadores, 3. ed. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1983.

CARDOSO, A.; FERREIRA, M. L. R. (Org.). *Medicina dos Afetos. Correspondência entre Descartes e Princesa Elisabeth da Boêmia*. Tradução: Inês Cardoso e Paulo de Jesus. Revisão científica por Adelino Cardoso e Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Oeiras: Celta Editora, 2001, pp. 56-99.

SHAPIRO, L. Introduction. In: DESCARTES, R., Elisabeth of Bohemia, Princess Palatine. *The Correspondence between Princess Elisabeth of Bohemia and René Descartes*. Edited and translated by Lisa Shapiro. Chicago: University of Chicago Press, 2007, pp. 1-51.

FIGUEIREDO, V. *A paixão de igualdade: genealogia do indivíduo moral na França*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.